

O IMAGINÁRIO LITERÁRIO EM DUAS NARRATIVAS DA LITERATURA INFANTOJUVENIL AMAZONENSE

Delma Pacheco Sicsú (UEA)

Resumo: As produções literárias amazonenses voltadas para o público infantil e juvenil surgidas no mercado editorial abarcam diferentes gêneros, contudo, há grande evidência para o gênero narrativo. O presente estudo analisa a literatura infanto-juvenil amazonense na perspectiva do imaginário, focando especificamente no regime noturno e diurno das imagens presentes nas histórias elencadas para este estudo. Para tanto, tomar-se-á como teórico de base Gilbert Durand, discípulo de Gaston Bachelard, pois se considera como fundamental para o esclarecimento do que vem ser o imaginário e de como ele se inscreve e se ressignifica nos regimes das imagens. Como dito antes, Durand foi discípulo de Bachelard e sua importância reside no fato de ele ter sistematizado os estudos de seu mestre, permitindo assim uma melhor compreensão acerca do imaginário quando este o categoriza em dois regimes: o noturno e o diurno. É Durand também que nos diz que os significados em torno do imaginário não são estantes nem tampouco homogêneos. Para ele, cada sociedade cria seu imaginário e atribui um significado conforme seus valores, suas crenças e seu modo de ver o mundo. Daí que a interpretação do texto literário, na perspectiva do imaginário literário, dependa muito do contexto histórico e social no qual as imagens se inscrevem e da bacia semântica produzida pelo grupo social em torno dessas imagens. E por ser uma área diversificada e muito rica, elencou-se como objeto de estudo do presente trabalho as narrativas infanto-juvenis amazonenses “Tikuã e a origem da anunciação” e “Lua Menina e Menino Onça”, ambas de escritores indígenas da etnia maraguá, localizada no Médio Amazonas. O presente estudo, além de fazer um estudo crítico das duas narrativas na perspectiva do imaginário, busca também dar visibilidade a literatura indígena amazonense que desde 2001 vem sendo publicada no mercado editorial, contudo há poucas pesquisas científicas em torno delas.

Considerações iniciais

A literatura infanto juvenil amazonense como todo texto ficcional é carregada de simbologias e inventividade que se traduzem em formas de textos poéticos narrativos ou dramáticos: Embora venha ganhando espaço no mercado editorial desde de 2001, a literatura ora referenciada ainda carece de

estudos críticos que possam não apenas lançar um olhar científico sobre ela como também contribuir para sua análise crítica no espaço acadêmico.

É importante frisar que já existe uma análise crítica dessa literatura, contudo de forma muito tímida ainda. A exemplo, disso cita-se aqui duas dissertações de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas que pode-se dizer modestamente alavancou os estudos de análise e interpretação no âmbito acadêmico, em uma das dissertações trata acerca da literatura infantil juvenil amazonense tomando como foco o imaginário literário presente em dezenove narrativas. E é também na perspectiva do imaginário que o presente trabalho objetiva analisar a narrativa “Tykuã e a Origem da Anunciação” a fim de verificar como os regimes noturnos e diurnos das imagens se inscrevem na história. Para tanto, o estudo de Durand sobre o imaginário são fundamentais para a análise e compreensão das imagens do regime noturno e diurno presente na história em questão.

A narrativa elencada para este estudo pertence ao escritor indígena Elias Yaguakãng da etnia Maraguá: que toma como ponto de partida as lendas, os mitos, as crenças e os saberes de seu povo na construção de sua obra de arte.

Como dito antes, neste estudo faz-se uma análise crítica da narrativa “Tykuã e a Origem da anunciação na perspectiva do imaginário pois o presente texto é carregado de elementos simbólicos ligados a forma de ver e de pensar do povo maraguá.

Embora a narrativa elencada para este estudo ambiente-se numa região específica e traga a tona crenças do povo maraguá, ela se universaliza, pois trata de questões universais inerentes a condição humana como a luta entre o bem e mal, a solidariedade, entre outros temas presentes no texto.

Ao analisar a narrativa deste estudo na perspectiva do imaginário abre-se uma janela para compreender como elementos como o rio, os pássaros, o homem, a natureza tem sim significados específicos para o homem amazonida, mas que transcendem para o universal, quando tratam acerca da humanidade através de símbolos e metáforas, crenças e saberes do homem da floresta.

Neste sentido, o presente estudo tratará portanto, sobre o imaginário sistematizando-o em regime noturno e diurno das imagens e os significados presentes nas imagens do rio, da floresta, da serpente e de outros elementos presentes na narrativa intitulada “Tykuã e a Origem da anunciação” do escritor indígena Elias Yaguakãng.

Quanto a narrativa “Lua menina e menino onça” de Lia Minapoty; analisa-se também o regime diurno e noturno das imagens presentificado nas imagens da lua, do rio, das plantas e outros elementos.

As duas narrativas são de autoria de escritores indígenas da tribo dos Maraguás localizada no rio Abacaxis, no médio Amazonas a primeira narrativa conta a história de Tikuã, um curumim que tinha o poder de enunciar o futuro. Por conta disso Tikuã passa a ser motivo de inveja de Anhãga, o senhor da maldade o demônio aterrorizador dos maraguás.

A narrativa em questão traz à tona a luta entre o bem e o mal na figura de Anhãgã, o demônio e Monãge, o deus protetor dos maraguás. Toda a luta é ocasionada como ditpo antes pelo fato do menino Tikuã ter o poder de prever o futuro. Em síntese, o garoto Tikuã, com a ajuda de Monãg consegue vencer as artimanhas de Anhãgã, vive por longos anos e na velhice ao morrer transforma-se no pássaro agourento tikuã cujo o canto pode ser prenúnciação de coisa boa ou ruim. A segunda narrativa intitulada “ Lua menina e menino onça da escritora indígena Lia Minapoty conta a história de Yagualary um curumim diferente demais na aldeia. Por transforma-se em onça á noite o menino é rejeitado e mais tarde expulso da aldeia Yagualary sai em busca de abrigo, cansado de tanto andar acaba adormecendo da floresta e sonha com uma lua azul. Yagualary continua sonhando com a lua azul durante três dias e sonha que ela é uma menina que vem acaricia-lo toda noite.

Na quarta noite o menino fingiu que dormia e assim no momento que a lua acariciava o rosto do curumim, ele abre os olhos e se depara com uma menina.

Lua menina explica a Yagualary que ela na verdade é a lua que toda noite desce transformando-se em menina e o protege de todo mal.

Ela também explica que só pode encontrá-lo a noite, e que sabe que durante a noite enquanto dorme o menino transforma-se em onça.

A história de Lua e o Menino onça fala de um amor que enfrenta barreiras, mas que se sustenta nas dificuldades e resiste ao tempo, pois o casal só pode encontrar-se a noite quando a lua desce a terra e o menino transforma-se em onça.

Nas duas narrativas deste estudo o regime noturno e diurno das imagens estão presentificados através de vários elementos como o rio, a lua, a noite, cujo significados dizem muito sobre o homem amazonida.

Por isso, analisar uma obra na perspectiva do imaginário é conhecer sobre determinado grupo social, suas especificidades, suas crenças e saberes conectados com outros grupos.

Para compreender, porém a importância dos significados presentes nas imagens elencadas para este estudo, é necessário antes esclarecer acerca do que vem ser o imaginário e suas categorias.

O imaginário: o regime noturno e diurno.

A busca pela compreensão daquilo que está além da realidade palpável está no campo do imaginário.

O imaginário é pois toda constituição de significados produzidos partir da imaginação que lançando mão de imagens e símbolos procura dar sentido a tudo aquilo que está além da realidade, digamos concreta conforme determinado contexto social num determinado tempo.

Assim, em determinadas sociedades as imagens tomam significados diferentes conforme as crenças do grupo social.

Duranda (2001), afirma que o imaginário não é estante, pois sofre mudanças conforme o tempo e contexto social no qual ele se inscreve. O tempo por sinal é um elemento de extrema importância na construção e compreensão das imagens daí o antropólogo acima citado categorizá-lo em regime noturno e de diurno das imagens.

A carga semântica, portanto, das imagens depende do momento em que cada imagem se manifesta e do grupo social no qual elas aparecem, conforme

suas crenças e valores. Nesse sentido, o imaginário não tem compromisso com a realidade concreta, mas com as atribuições de sentidos que grupos inseridos numa determinada realidade atribuem as imagens.

O imaginário possui compromisso com o real e não com a realidade. A realidade consiste nas coisas, na natureza e em si mesmo o real é a interpretação que os homens atribuem as coisas e a natureza seria, portanto, a participação ou a intenção com as quais os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade, atribuindo-lhe significado. Se o imaginário recria e reordena a realidade, encontra-se no campo da interpretação e da representação, ou seja, do real. (Trindade e Laplatine, 1997, p, 80).

Na literatura infanto juvenil amazonense a forma como o homem se relaciona com a realidade é perceptível na interpretação que ele dá a seres da natureza, fenômenos naturais, a partir de suas crenças e saberes.

Durante categoriza o imaginário em regime noturno e diurno das imagens a partir de símbolos referentes a estes dois tempos. Na literatura infanto juvenil amazonense essa categorização também é perceptível quando elementos como o rio, as cores, a terra, entre outros ganham significado presentes no imaginário do homem amazonida.

Segundo Sicsú (2013 p, 23), “os símbolos do regime diurno das imagens agregam valores dispares, inseparáveis, constitutivos de uma carga semântica construída e reconstruída conforme sua manifestação”.

Isso significa dizer que o regime diurno das imagens se manifesta e se significa numa relação de sentidos opostos como é o caso, por exemplo do peixe que pode ter um sentido negativo ou positivo conforme sua função ação no contexto amazônico, pois da mesma forma que ele tem um sentido positivo quando serve de alimento para o homem, esse animal também pode ter um sentido negativo quando devora o homem como é o caso da piranha. Os animais por sinal, são símbolos pertencentes ao regime diurno das imagens conforme a sistematização de Gilbert Durand assim. Ele classifica os símbolos referentes ao regime noturno da imagem.

Símbolos teriomórficos aqueles referentes ao regime diurno da imagem são classificados em símbolos teriomórficos (os que se referem aos animais e podem

agregar valores positivos ou negativos); nictomórficos (símbolos referentes aos animais das trevas com valoração negativa); os símbolos catamórficos(referentes a angustia presentificada nos sonhos ou pesadelos. (Durand apud Sicsú, 2013, p, 23).

Os símbolos referentes ao regime diurno das imagens constroem semântica numa relação antitética entre o positivo e o negativo. Assim mostra também como compreendê-lo sem uma relação e completude com o regime noturno das imagens.

O regime diurno conforme a categorização de Gilbert Durand o regime noturno da imagem está constantemente sob o signo da inversão e do eufemismo.

O tempo, por exemplo, encontra-se sob o signo da inversão uma vez que temos aí a inversão do claro (dia) para o escuro (noite), é um exemplo que podemos citar como símbolo do regime noturno da imagem quando ela é compreendida como alívio do sofrimento e da dor.

Os significados das imagens, é importante mais uma vez. Frisar, não está pronto, nem é rígido; muda conforme as subjetividades do receptor conforme o meio social em que se faz presente.

No presente estudo, o sentido em torno das imagens é analisado a partir do imaginário manifestado nas duas narrativas selecionadas para esta análise: nessas narrativas podemos perceber a maneira de pensar, e interpretar do homem pelas imagens e suas simbologias presentes no texto. Maria Zaira Turchi em seu livro “Literatura e Antropologia do Imaginário” enfatiza acerca das mudanças das imagens ocasionadas pelo tempo e pelo espaço social no qual o imaginário percorre, como se pode perceber em um dos trechos do livro.

Diante das faces do tempo, o imaginário pode inverter os valores atribuídos aos termos da antítese e desenvolver uma outra atitude imaginativa quer consiste em captar as forças vitais do devir, transmutando os aspectos tenebrosos do tempo em virtude benéfica. As trevas se eufemizam em morte serena, abrindo as portas para o regime noturno em dois grupos de símbolos, sendo o primeiro regido pelas estruturas que ele denomina de místicas e que se encontram constantemente sob o signo da conversação e do eufemismo (TURCHI, 2003, p, 34).

Como se percebe o tempo é um fator que interfere na construção e na reconstrução do imaginário. O regime das imagens podem oscilar entre diurno e o noturno em um jogo antitética e ao mesmo tempo de completude, considerando que um regime não existe sem o outro.

Em se tratando de regime noturno, este se constrói sob o signo do eufemismo e da intimidade. Do eufemismo quando há o abrandamento da carga semântica de determinados símbolos que saem do valor negativo para o positivo. E a intimidade é perceptível quando logicamente se percebe separações entre determinadas imagens que se visivelmente estão separadas mas juntas no campo simbólico.

Dentro da categoria do regime noturno místico, encontra-se uma estrutura que busca “estabelecer conexões, uniões entre figuras e objetos logicamente separados” (TURCHI. 2003, p. 35), o que mostra claramente o processo de eufemização do regime noturno em um jogo antifrásico entre os símbolos da inversão e da intimidade e por extensão a mudança de seus significados como é o caso de alguns símbolos selecionados nas duas narrativas elencadas para este discussão.

E, embora a literatura parta da ficção, as simbologias presentes no texto literário relacionam-se com o contexto social no qual elas são produzidas, trazendo à tona, mesmo que ficcionalmente, a condição humana presentificada nas angústias e certezas do homem seja ele pertencente a Amazônia ou não.

Wolfgang Iser em seu estudo sobre o imaginário esclarece:

Como o fictício e o imaginário fazem parte das disposições antropológicas, existem também na vida real e não se restringem à literatura. Mas o que caracteriza é a articulação organizada do fictício e do imaginário; dela, a literatura emerge e, assim, pode se diferenciar de outros meios, tendo-se em conta que os fenômenos da arte por si mesmos não existem. (ISER. 2013, p. 29)

Os fenômenos artísticos, portanto, só existem se relacionados com outros fenômenos. Assim, em se tratando de literatura, compreende-se que ela por ser fruto de um fenômeno histórico e social, não transcreve para o texto a realidade tal qual ela é, mas a reconstrói conforme a forma como o escritor vê

e pensa o mundo. E por ser fruto de um fenômeno histórico e social, a literatura caminha por diferentes áreas do conhecimento, dialogando com a história, antropologia, entre outras áreas da humanidade. E ainda, pelo seu caráter polissêmico, a literatura nos permite diferentes perspectivas de interpretação e análise, daí optar-se por desenvolver o presente estudo na perspectiva do imaginário conforme a categorização estabelecida por Gilbert Durand em regime noturno e diurno das imagens.

Durand (1996), ao falar sobre o Brasil diz que aqui por conta do encontro do velho com o novo mundo, desde a chegada dos colonizadores, o imaginário brasileiro se constrói, se reconstrói e se manifesta nas diversidades. Para o antropólogo, o Brasil é um campo fértil para se desenvolver pesquisas sobre o imaginário devido a essa mistura étnica e a pluralidade cultural dentro do país.” Que bonito exemplo de unidade na diversidade, de nacionalismo tão multicultural” (DURAND. 1996, p. 204)

É partindo dessa diversidade na unidade que se analisa aqui o regime noturno e diurno das imagens em duas narrativas da literatura infanto-juvenil amazonense.

O regime noturno e diurno das imagens nas narrativas *Tikuã* e a origem da *anuniação* e *Lua menina e menino onça*

Em seus estudos sobre o imaginário, Gilbert Durand (2011) afirma que a bacia semântica de uma determinada sociedade constrói-se ao longo do tempo, conforme as subjetividades do grupo social.

A mudança profunda do imaginário de uma época foi muitas vezes equiparada a uma simples mudança de gerações. Esta revolta periódica de “pais contra filhos” é curta demais para cobrir a amplitude de uma bacia semântica. Constatamos que sua duração, desde os primeiros escoamentos perceptíveis até meandros terminais, era de cento e cinquenta a cento e oitenta anos. Uma duração justificada, por um dado, pelo núcleo de três ou quatro gerações que constituem as informações “à boca pequena”, o “ouvi dizer que” (DURAND. 2011, p. 115- 116)

Compreende-se que a bacia semântica do imaginário de uma sociedade constrói-se conforme o tempo, o espaço e o meio pelo qual ela transmitida. Neste estudo, analisa-se o imaginário por meio da literatura infanto-juvenil amazonense. Assim, pelo fato de que o campo investigativo em torno do regime das imagens ser amplo, faz-se aqui um recorte de apenas alguns símbolos presentes nas duas narrativas elencadas para esta discussão.

Na obra *Tikuã e a origem da anunciação* analisa-se apenas a simbologia do rio e do pássaro.

O rio é um símbolo pertencente ao regime diurno das imagens e tem no contexto amazônico importância fundamental na vida das pessoas, principalmente daquelas que moram às suas margens. Este símbolo pode significar para o homem amazônico fartura, mas também miséria, dependendo do tamanho e do tempo da cheia e da seca.

Segundo Lexicon (1996, p 172), “em função de sua importância para a fertilidade, o rio costuma ser venerado como divindade”. E no contexto amazônico, além de ser visto como provedor das famílias, uma vez que é dele que vem o peixe, principal alimentação do amazonense,, o rio também é símbolo de mudanças e demarcador do tempo. “Sua fluidez faz símbolo do tempo e da transitoriedade, mas também da constante renovação” (LEXICON, 1996. p. 172)

Na obra *Tikuã e a origem da anunciação* o rio tem significados positivos e negativos. No trecho a seguir, ele é visto como símbolo de fertilidade, alegria e felicidade. “Numa aldeia às margens do distante rio Abacaxis, próxima ao lago sagrado Guaçupawá, morava uma família muito feliz: o pai Waçarabia, a mãe Naniiguay e o filho Tikuã. (YAGUAKÃNG, 2014, p. 4)}

O rio, contudo, aparece também nesta narrativa com sentido negativo, pois separa dois grupos sociais; de um lado habita as pessoas boas, do outro lado do rio as pessoas más. Nesse caso, este símbolo tem o sentido de obstáculo, medo e morte, perceptível no trecho a seguir: “Os invejosos Mawuaka e Waika’a eram aprendizes de pajé do outro lado do grande rio, onde viviam pajés do mal que pretendiam tirar a vida de Tikuã” (YAGUAKÃNG, 2014, p. 8)

Outro símbolo elencado para este estudo é o pássaro. Este símbolo tem influência muito grande no imaginário do homem amazônico, significando bons ou maus presságios, assim como a passagem da vida terrena para a eternidade. Segundo Lexicon (1996, p. 154), “no taoísmo, por exemplo, figuravam-se como imortais como pássaros. Era muito difundida a ideia de que a alma abandona o corpo físico após a morte sob forma de pássaro”

O pássaro é um símbolo pertencente ao regime diurno das imagens e na história *Tikuã e a origem da anunciação* ele está diretamente ligado à ideia de reencarnação e de bons ou maus presságios. O excerto a seguir ilustra esses outros sentidos atribuído ao rio: “Tikuã viveu muitos e muitos anos e de velhice desencantou. Dizem que se o dia está bonito e vai haver fartura, ouve-se um canto alegre. Quando o dia fica feio ou se uma desgraça se aproxima o canto é triste assim: - Ticuã...ticuã...ticuã” (YAGUAKÃNG. 2014, p. 27)

Na história *Lua menina e Menino onça*, escolheu-se analisar as imagens da lua e do sonho. A lua, ressalta-se, pertence ao regime noturno das imagens; é um símbolo que está sob o signo da inversão e do eufemismo uma vez que sua existência só sentido se ligada ao regime diurno das imagens, ao dia. Na história, essa separação lógica entre noite e dia ao mesmo tempo completude entre eles, se faz presente quando Yagualary, menino durante o dia encontra sua outra metade na noite quando se transforma em onça e pode assim ficar ao lado de sua amada, a Lua Menina.

A lua, acordo com Lexicon, “em muitos mitos, ela aparece como irmã, mulher ou amante do Sol. Na astrologia e na psicologia profunda, a lua é vista, entre outras coisas, como símbolo do inconsciente.” (1996, p. 128)

No contexto amazônico a lua simboliza a passagem do tempo, a oscilação de humor, entre outros significados. De acordo com Sicsú (2013, p. 96), “é comum dizer na Amazônia que uma pessoa que muda de humor constantemente ‘é de lua’. Há quem acredite que cortar o cabelo na lua nova é o melhor período, pois os fios podem crescer mais rápidos e mais bonitos.”

Na história *Lua menina e Menino onça* a lua aparece como símbolo do amor, do inconsciente, quando ela habita a mente de Yagualary enquanto ele dorme. Após ser descoberta pelo menino, a Lua menina confessa gosta de

Yagualary. A partir de então, eles se casam, porém só podem encontra-se à noite quando o menino transforma-se em onça e a Lua menina desce à terra, ilustrado no trecho a seguir: “O tempo passou e toda vez que se encontravam, o menino se apegava mais à lua menina. Ela por sua vez, lá do alto passava o dia olhando para baixo esperando o anoitecer para estar com Yagualary. Desse jeito se apaixonaram e resolveram se casar.” (MINÁPOTY, 2014, p. 28)

Outro símbolo elencado para este estudo é o sonho. Este símbolo pertence ao regime diurno das imagens e está diretamente ligado à angústia humana, a bons ou maus presságios. Segundo Cirlot (1984, p. 539) o sonho é “uma das principais fontes do material simbólico [...]. Acredita-se existência de sonhos premonitórios, numa verdadeira adivinhação por meio deles, seja de fatos gerais ou distantes ou de fatos concretos e imediatos.” Na história *Lua menina e Menino onça*, o sonho aparece como símbolo premonitório, uma vez que prevê a aproximação e o enlace matrimonial entre a Lua e Yagualary, como se pode ver no fragmento abaixo:

Na quarta noite, Yagualary não quis dormir. Apenas fingiu que dormia para surpreender Lua menina. Quando ela olhou lá de cima e o viu, desceu até ele. E no momento em que acariciava seu rosto, tomou um susto quando Kurumi abriu os olhos.

- Ah, então é você-e quem está me ajudando.

- Sim =, sou eu . Eu vejo todas as noites enquanto dorme
(MINAPOTY. 2014, p. 21)

As narrativas elencadas para este estudo estão repletas de símbolos pertencentes ao regime diurno e noturno das imagens. Contudo, como dito antes, fez-se apenas um recorte de quatro símbolos, uma vez que só neste estudo não haveria como analisá-los devido ao limite de páginas.

Considerações finais

Tratar acerca do imaginário na literatura infanto-juvenil amazonense é abrir caminhos e perspectivas para um novo olhar que em torno do contexto histórico e social em esta literatura se inscreve. Assim, como toda obra de arte, esta literatura possibilita lançar mão de inúmeras possibilidades de

interpretação, desvelando nas entrelinhas do texto os sentidos das imagens; a diversidade do imaginário.

O presente estudo nos mostra que as categorias do regime noturno e diurno das imagens presentes nas duas narrativas são tão diversificadas e ricas que não tem como esgotar a temática em questão apenas em um estudo. Nesse sentido, acredita-se que dar continuidade a esta pesquisa é de fundamental importância bem como uma proposta de leitura na sala de aula desta literatura na perspectiva do imaginário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

DURAND, GILBERT. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad. Helder Godinho 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

----- O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Trad. René Eve Lévié. 5. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011

----- **Campos do imaginário**. Trad. Maria João Batalha Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária. Trad. Johannes Krestschmer. 2.ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013

LAPLATINE, François. TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997

LEXICON, Herder. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Cultrix, 1990.

MINÁPOTY, Lia. **Lua menina e Menino onça**. Ilustração Suryara Bernardi. Belo Horizonte: RHJ, 2014

SICSÚ, Delma Pacheco. **O imaginário em narrativas da literatura infanto-juvenil amazonense**. Manaus: UEA, 2013. (Dissertação de Mestrado em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas)

YAGUAKÃNG, Elias. **Tykuã e a origem da anunciação.** Ilustração
Kammal João. 1.ed. Rio de Janeiro: Rovelle, 2014.